

# LIBERDADE, TRANSGRESSÃO E TRABALHO: COTIDIANO DAS MULHERES NA CIDADE DO RECIFE (1870-1914)

FREEDOM, TRANSGRESSION AND WORK: THE DAILY LIFE OF WOMEN IN RECIFE (1870-1914)

**Alcileide Cabral do Nascimento**

Universidade Federal Rural de Pernambuco

**Noemia Maria Queiroz Pereira da Luz**

Prefeitura Municipal de Pernambuco

**Correspondência:**

Faculdade de História

Rua Dom Manoel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos - CEP: 52171-900 - Recife/PE

E-mail: [alcileide.cabral@gmail.com](mailto:alcileide.cabral@gmail.com) / [noemialuz@terra.com.br](mailto:noemialuz@terra.com.br)

\* Pesquisa financiada pelo CNPq e FACEPE

## Resumo

Este artigo descreve a participação das mulheres na campanha abolicionista, a ampliação do mercado de trabalho feminino e sua inserção no espaço público na cidade de Recife, entre os anos de 1870 e 1914, a partir de dados extraídos dos jornais da época. A cidade é local de liberdade e de liberação para as mulheres e de mudança das relações sociais e sexuais. Sobre as novas práticas femininas, emergem conflitos e tensões. Apesar da violência física e simbólica dos homens, as mulheres ampliam sua atuação no espaço público.

Palavras-chave: Mulheres; Cidade; Trabalho.

## Abstract

This article describes the extent to which women took part in the slavery abolitionist campaign, the expansion of the female work market, and its insertion in the public space in the city of Recife, between 1870 and 1914, as evidenced by newspapers of the time. The city is the place of freedom and liberation for women and of changing social and sexual relationships. Conflicts and tension emerge from the new feminine roles in society. Women expand their action in the public space, despite the physical and symbolical male violence.

Keywords: Women; City; Labor.

*A Elevação da Mulher<sup>1</sup>*

*A mulher era escrava antigamente,  
 Hoje as dores sem fim não a consomem,  
 Porque igualou-se logo de repente!  
 Cristo pregando a crença verdadeira,  
 Disse ao eterno revoltado – ó homem,  
 Não dou-te serva, dou-te companheira!*

No final do século XIX e começo do século XX, as cidades brasileiras prosperaram. A expansão da economia agroexportadora e das manufaturas, para atender à demanda do mercado interno, dos serviços, e o aumento da população atestam os ares do progresso dos centros urbanos. A vida urbana ganha intensidade, luz, fluidez e velocidade. A eletricidade, o cinema, o automóvel, a locomotiva, o bonde, o avião, a publicidade, a moda, o relógio, o telefone, o rádio, os alimentos enlatados, os novos medicamentos e cosméticos, os cigarros e charutos industrializados, a prática de esportes, os banhos de mar, as confeitarias, que se instalam em nobres endereços, e as artes plásticas dão visibilidade a essas mudanças vertiginosas e de feições tão modernas. As mulheres estão em toda parte. Trabalham. Passeiam. Flertam. Consomem. Rompem com o silêncio do corpo. Protestam. E como diz *O Altaneiro*, não querem mais a condição de servas, mas companheiras, ao lado dos homens.

A cidade é um espetáculo a céu aberto. Se, de um lado, essas novidades geram fé e otimismo no progresso, de outro, desorientam, intimidam, perturbam, confundem, distorcem, alucinam, como assinala Sevcenko<sup>2</sup>. Nesse cenário, as mulheres gozam de maior liberdade ao usufruir dos cafés, cinemas, da moda e das novas formas de sociabilidade. Mas, sobre esse novo comportamento, pairam temores antigos e modernos de que esse “excesso de liberdade” corrompa os cuidados com o lar, coloquem em perigo a família e a honra feminina.

Em Recife, uma das capitais mais importantes do norte do país, os tempos modernos chegam com força. Em 1900, a cidade conta com 113 mil habitantes. Vinte anos depois, sua população mais do que dobra, alcançando aproximadamente 239 mil habitantes<sup>3</sup>. Cidade comercial, com industrialização incipiente, nesse momento de sua história, moderniza-se, à medida que recebe infraestrutura urbana, com a instalação das companhias de abastecimento de água, iluminação, esgoto, telefone, telégrafo e

<sup>1</sup> OLIVEIRA. A elevação da mulher. *O Altaneiro*. Recife, ago. 1912, p. 2.

<sup>2</sup> SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante. In: NOVAIS, Fernando (Coord. Geral); SEVCENKO, Nicolau (Coord. vol.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. v.3. p.515-516.

<sup>3</sup> REZENDE, Antônio Paulo. *Recife: histórias de uma cidade*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2002. p. 94.

transportes. Cidade festiva, assiste à formação de uma cultura urbana, em que se multiplicam os clubes carnavalescos, os pastoris, as bandas de música, os mamulengos, os maxixes, a dividir espaços com as festas religiosas.

É também uma cidade de contrastes. O aumento da população é acompanhado *pari passu* pelo crescimento dos mocambos, pelo abandono de crianças nas ruas e pelos altos índices de mortalidade<sup>4</sup>. Cidade rebelde, vê seus operários e operárias fazerem greves e protestarem contra a carestia de vida<sup>5</sup>. Cidade que põe em xeque o pacto oligárquico vigente na primavera da República no país<sup>6</sup>, à medida que essa massa urbana não se doma com facilidade nem se constitui em curral eleitoral. Uma urbe imoral a estandardizar os crimes de defloração nas páginas comuns dos periódicos. Os crimes contra a honra ganham destaque na imprensa local, como o da “mocinha de 15 anos” deflorada no bairro de São José<sup>7</sup>. Cidade perigosa na calada da noite e nos escuros dos becos, nos quais as práticas de espancamento e assassinato a peixeiradas e a pauladas são frequentes<sup>8</sup>. Cidade moderna a derrubar casarios, ruas antigas e a construir largas avenidas e, nesse compasso, travar intensas batalhas com a tradição<sup>9</sup>. Uma cidade onde circulam novas ideias e hábitos, que aos poucos transformam o cotidiano das pessoas e ampliam as expectativas, as ações e os sonhos das mulheres.

Esses fragmentos de histórias da luta pela emancipação feminina, dos diferentes trabalhos, árduos, perigosos e até lúdicos, são notícia nos variados jornais publicados no Recife nessa época. São jornais políticos, noticiosos, literários, abolicionistas, humorísticos, carnavalescos, femininos, feministas, consagrados aos interesses da província, da pedagogia, dos partidos políticos e da classe operária, publicados diariamente ou com tiragens semanais ou trimestrais, frutos de uma imprensa local ávida pelo cotidiano urbano, com objetivos de estabelecer críticas ao que se considera abusos dos costumes, bem como divulgar ideias úteis ao espírito aventureiro do mundo moderno. E lá estão as mulheres, em sua diversidade social e de interesses.

### **Do lar para a imprensa: as mulheres na campanha abolicionista**

A participação das mulheres no debate político no Brasil ganha visibilidade nos

<sup>4</sup> ARRAIS, Raimundo. *Recife, culturas e confrontos*. Natal: EDUFRN, 1998. p.43.

<sup>5</sup> REZENDE, op. cit., p.102.

<sup>6</sup> Cf. LOVE, Joseph L. A República brasileira: federalismo e regionalismo (1889-1937). In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000)*. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2000. p.121-160 e LEVINE, Robert. Pernambuco e a Federação Brasileira, 1889-1937. In: FAUSTO, Boris (Org.). *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1982. v.1, T.III. p.123-151.

<sup>7</sup> Um caso de defloração. Tio e sobrinha em São José. *O Periquito*, 19. out. 1908, p.4.

<sup>8</sup> ARRAIS, op. cit., p.70.

<sup>9</sup> REZENDE, op. cit, p.96-98.

anos efervescentes da campanha abolicionista. O fim da escravidão, que se concretiza em 1888, e a presença feminina ativa na imprensa são canais importantes de sua expressão e da conscientização de parte dessas mulheres, em geral, cultas e de famílias abastadas.

Nessa época, jornais, pasquins e panfletos exercem importância grande, apesar do alarmante índice de analfabetismo no país, sobretudo entre as mulheres. Uma imprensa feminina e feminista constitui-se já no século XIX, e ganha visibilidade nas primeiras décadas do século XX<sup>10</sup>, quando nela se observa expressiva participação de mulheres letradas, não apenas publicando artigos, poesias, mas criando jornais e revistas femininas e feministas, ocupando e conquistando espaços públicos e formando opinião. Celi Pinto tem razão, quando afirma que a “mensagem escrita era a única forma de comunicação de massas nesses anos de luta”<sup>11</sup>. Nessa seara, entram as mulheres instruídas e de famílias abastadas, já que a imprensa se constitui como “o principal meio de troca de ideias e informações entre os brasileiros alfabetizados”<sup>12</sup>.

Em Pernambuco, o espaço da ação para essas mulheres na vida pública e nas lutas políticas e sociais, assim como a abertura para mudanças no pensar e no comportamento, conta, no final do século XIX e no início do século XX, com as brechas abertas pelo movimento abolicionista e pelo anticlericalismo dos maçons e dos grupos ditos socialistas<sup>13</sup>, em sincronia com o que acontece nas principais cidades brasileiras. O movimento abolicionista quebra as fronteiras de gênero no debate político, nas ações sociais e na escrita dos jornais<sup>14</sup>. Os socialistas questionam o sacramento do matrimônio<sup>15</sup>, propondo o casamento civil. Os maçons, em luta aberta com a Igreja Católica, procuram afastar os padres do convívio diário com as mulheres pobres, remediadas ou ricas, colocando em questão as conversas nos confessionários e a influ-

<sup>10</sup> MORAIS, Maria Luíza Nóbrega. *Presença feminina no jornalismo pernambucano: dos primórdios à regulamentação profissional*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0156-1.pdf>> Acesso em: 09 jul. 2012.

<sup>11</sup> PINTO, Celi Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002. p.31.

<sup>12</sup> HAHNER, June. *Emancipação do sexo feminino*. Florianópolis: Mulheres, 2003. p.84.

<sup>13</sup> Ver, a propósito: SIQUEIRA, Elizabeth et al. *Um discurso feminino possível: pioneiras da imprensa em Pernambuco (1830-1910)*. Recife: Ed. UFPE, 1995.

<sup>14</sup> É importante lembrar que a participação de mulheres letradas no processo abolicionista não foi exclusividade do Brasil. Nos Estados Unidos, a luta pela abolição da escravatura mobilizou parcelas significativas de mulheres que, até então, não haviam, de forma tão massiva e organizada, participado da esfera política, como assinalam Branca Alves e Jaqueline Pitanguy. Ademais, “a conscientização da submissão do negro trouxe-lhes, ao mesmo tempo, uma medida de sua própria sujeição”, como ressaltam as autoras. ALVES, Branca Moreira e PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985. p.44.

<sup>15</sup> O Código do Direito Canônico, em seu art. 1055, sobre o sacramento do matrimônio, afirma que “o pacto matrimonial entre batizados, pelo qual o homem e a mulher constituem entre si a comunhão íntima de toda vida [...] foi elevado por Cristo, como Senhor, à dignidade de sacramento”. Assim, pelo Sacramento do Matrimônio, Jesus Cristo une os esposos num vínculo santo e indissolúvel.

ência que eles exercem no pensamento e nas atitudes das fiéis. Essa confluência crítica de contestação ao Império e à Igreja Católica oportuniza a entrada de moças de família e mulheres formadas, solteiras, sozinhas, casadas ou viúvas, em geral, ricas ou remediadas, na vida política do país.

Em 1883, pernambucanos propagandistas da abolição procuram disciplinar as forças afetivas para atingir seus objetivos, de preferência, sem luta violenta com os proprietários de escravos. Eles avaliam que há um meio: recorrer ao elemento feminino. Redatores de jornais conclamam as senhoras pernambucanas que têm “os corações abertos para nobres sentimentos” a fazer campanha abolicionista na luta pela liberdade; sugerem que elas deixem um pouco de lado os cuidados domésticos, “que se elevam, contudo não podem ser o páramo exclusivo para o qual alceis voos”, e que aquelas que aplaudem os comícios públicos dos “cruzados da abolição” formem sociedades e um centro abolicionista<sup>16</sup>.

Segundo Ângela Grillo, dentre as sociedades que se formam na década de 1880, as duas de maior destaque são o Club do Cupim<sup>17</sup> e a Sociedade Ave Libertas, ambas fundadas em 1887. Por meio de suas ações, “além do auxílio que [prestam] às fugas dos cativos, [mantêm], durante toda sua existência, profundas relações com Joaquim Nabuco, sempre visando à abolição plena dos escravos”<sup>18</sup>.

Convocadas para a luta, as mulheres, com recursos e posição social, participam das mais variadas formas, dentre as quais se destacam, em Recife, os encontros abolicionistas do Club do Cupim<sup>19</sup> e a ação da Sociedade Ave Libertas. A ação da Aves Libertas é elogiada por redatores de jornais, como Salles Barbosa, que, na época, escreve para o jornal América do Sul. Barbosa considera as participantes dessa Sociedade “um grupo de senhoras que se distinguem como obreiras de uma civilização” e destaca, dentre elas, as “atléticas figuras das inteligentes e incansáveis Sras. D. Leonor Porto, Odília Pompílio e Carlotta Villela”<sup>20</sup>. Essa sociedade tem “como principal figura D. Leonor Porto, mulher simples, costureira e modista (nome que se dava às costureiras que copiavam fielmente os figurinos parisienses), que cedeu sua casa, situada a Rua

<sup>16</sup> R de M (pseudônimo de Rodolfo Gonzaga). As Senhoras pernambucanas. *O Propulsor*. Órgão de Interesse Abolicionista, Industrial, Agrícola, Literário. Recife, 30 abr. 1883, p.1.

<sup>17</sup> Sobre o Club do Cupim, fundado em 8 de outubro de 1884, Leonardo Dantas explica que o nome deriva do caráter abolicionista que tinha o clube, que “ia trabalhar na sombra a coberto das vistas alheias, e minar carcomendo roaz e minaz, o próprio cerne da nefanda árvore da escravidão”. SILVA, Leonardo Dantas. *A abolição em Pernambuco*. Recife: Massangana, 1988. p.28.

<sup>18</sup> GRILLO, M. Ângela de F. Ave Libertas: o movimento abolicionista feminino de Pernambuco. In: *Anais do I Seminário Internacional Enfoques Feministas e o Século XXI: Feminismo e Universidade na América Latina*, Salvador, 2005.

<sup>19</sup> Em *As jóias*, Mario Sette descreve os encontros abolicionistas do Club do Cupim, nos quais se destaca a presença de D. Leonor Porto. SETTE, Mario. *Terra Pernambucana*. 10.ed. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981. p.139-140.

<sup>20</sup> SALLES BARBOSA. *América do Sul*. Recife, 15 ago. 1884, p.1.

Larga do Rosário, n.º 22, como sede da Associação”<sup>21</sup>. Nesse momento, a luta pela abolição da escravidão no país faz essas mulheres verem a pouca liberdade que têm de mover-se, de transitar, de ir e vir e o direito de trabalhar honestamente.

O reconhecimento de parte da imprensa e de alguns articulistas no que se refere às ações das abolicionistas na vida social de Recife pode ser avaliado pela publicação, em 1885, no jornal *Vinte e Cinco de Março*, de versos do poeta Claudino dos Santos, dedicados às senhoras da Sociedade Abolicionista Ave Libertas<sup>22</sup>.

[...] quando for se apurar a votação da história  
Intrucada e severa em bem da humanidade,  
haveis de ter também vosso quinhão de glória  
N’essa estrofe soltada em honra a liberdade.

Com a campanha abolicionista, as senhoras e moças benquistas socialmente ganham espaço em vários jornais da cidade, para publicar artigos e poemas. Dentre elas, destaca-se Maria Amélia de Queiroz, que também faz discursos para o grande público no Teatro Santa Isabel. A campanha abolicionista proporciona visibilidade às ideias dessas mulheres e as apresenta como capazes de atuar politicamente, diante de questões que, até então, estavam na alçada masculina.

Em Recife, surgem vários jornais e revistas dirigidos e escritos apenas por mulheres<sup>23</sup>. Alguns jornais têm engajamento político e social mais explícito, como os que defendem os direitos políticos para as mulheres. Um deles é o periódico *A Mulher*, criado em 7 de maio de 1875, o primeiro jornal dedicado ao sexo feminino e por ele redigido, que traz reflexões sobre o papel da mulher na sociedade, protestos contra as injustiças e incitações à ação das leitoras.

O jornal *Helios* surge no Recife em 1911, tendo como redatoras Almerinda Ribeiro, Carmelita de B. Silva e Josefa P. de Melo. Afirma, em seu primeiro editorial, que seu principal dever é “batalhar com intransigência pelos direitos da mulher, mantendo contínua propaganda em prol do seu desenvolvimento e do ingresso das mesmas nas múltiplas atividades políticas e sociais”. Esse jornal, em diversas seções, propõe-se apenas a divulgar notícias de interesse do sexo feminino<sup>24</sup>.

Há também uma “imprensa perfumada”, como nomeia Elizabeth Siqueira os

<sup>21</sup> GRILLO, M. Ângela de F. *Ave Libertas*. art. cit.

<sup>22</sup> SANTOS, Claudino dos. *Vinte e Cinco de Março*. Recife, 25 mar. 1885, p.4.

<sup>23</sup> Sobre a imprensa feminina e feminista no Brasil, ver: HAHNER, June E. **Emancipação do sexo feminino**. A luta dos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940. Petrópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.

<sup>24</sup> O nosso caminho editorial. *Helios*. Recife, 30 abr. 1911, p.1.

periódicos com nomes de flores, como *A Rosa*, *O Lyrio*, *A Grinalda* e *Myosote*<sup>25</sup>. Nesses periódicos, as mulheres escrevem sobre família, moda e sentimentos em relação ao mundo em que vivem. O *Myosote* tem essa feição. Escrito pelas moças do Arraial, sua redatora chefe é Guiomar de Carvalho, e nele trabalham Amanda Campello, Davina Lima, Julieta de Carvalho, Julia Dias Martins, Julieta Santos e Marieta Brandão. As redadoras do *Myosote* têm por objetivo “ocupar um lugar no mundo da intelectualidade”<sup>26</sup>. Nesse romântico jornal, são publicados artigos literários, poemas e pensamentos.

*O Lyrio*, revista mensal, surge em 5 de novembro de 1902. Esse periódico tem por redatora chefe Amélia de Freitas Bevilaqua, secretária Cândida de Barros, tesoureira Luísa Ramalho e um corpo de dezoito redadoras. No artigo *Laboremos*, Maria Augusta Meire de V. Freire afirma ser “a mulher o elemento mais estável da sociedade” e, de modo indignado, apresenta sua repulsa ao fato de que “há ainda quem pense na alvorada do século XX que a mulher deve ser a eterna escrava do homem”. Assinala, porém, que, para deixar de ser “a escrava”, é necessário outro tipo de educação, menos religiosa e mais humanista. Mulheres paradoxais, como diria Joan Scott<sup>27</sup>, que afirmam e negam a natureza de ser mulher. No artigo de Maria Augusta, percebe-se a ênfase dada à “estabilidade” da mulher, em contraponto à instabilidade masculina silenciada no discurso, o apelo, portanto, a uma “essência” emocional feminina diferente da masculina. Ao mesmo tempo em que recusa o lugar de escrava, ser servil, dependente, sem direitos, sem propriedade, excluída e despossuída de si mesma, de seus desejos, de sua liberdade de ir e vir, a mulher almeja a igualdade com os homens.

### Entre a crítica e o chiste: a educação religiosa feminina no debate político

No Brasil do século XIX, apenas pequena parte da população tem acesso à instrução, principalmente, os bem-nascidos ou de boa posição social e econômica. Em 1890, esse percentual gira em torno de 19,1% para os homens e 10,4% para as mulheres<sup>28</sup>. Além da desigualdade de acesso, as diferenças de gênero são bem marcadas, e reforçam papéis do mundo masculino e do mundo feminino. A educação desti-

<sup>25</sup> SIQUEIRA, Elizabeth A. S. Dos alfinetes aos ideais. In: SIQUEIRA, Elizabeth A. S. et al. *Um discurso feminino possível*. Pioneiras da Imprensa em Pernambuco (1830-1910). Recife: Ed. da UFPE, 1995. p.35. O jornal *O Myosoti* foi publicado com essa grafia no ano 1, nº. 1, do Arrayal, tendo por editora chefe Guiomar de Carvalho. Do nº. 2 em diante, passou a ser chamado de *Myosote*, continuando a ser publicado do Arrayal, tendo por editora chefe Guiomar de Carvalho.

<sup>26</sup> Gentis leitores. *O Myosoti*. Arrayal, nov. 1910, p. 1.

<sup>27</sup> SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos dos homens*. Florianópolis: Mulheres, 2002.

<sup>28</sup> Cf. HAHNER, op. cit., p.75.

nada às mulheres procura enfatizar o papel de esposa e de mãe. Nada mais é necessário para o sexo feminino! Essa situação tende a mudar no final do século XIX, com a expansão das escolas normais em todo o país, sobretudo nos principais centros urbanos<sup>29</sup>. Há esperança enorme no potencial transformador da educação. Essa é uma das heranças do Iluminismo, que se difunde entre conservadores, católicos, positivistas, liberais e anarquistas, como assinala Miriam Moreira Leite. Acrescenta ainda essa autora que, no caso da educação da mulher:

A reativação dessa crença na educação foi da maior importância, pois acabou por legitimar um campo profissional e um papel de alcance social para a mulher, fora da família, antes desempenhado unicamente no âmbito familiar – o magistério<sup>30</sup>.

Há, em Recife, um movimento difuso de crítica à educação de forte cunho religioso que as mulheres recebem. No periódico maçônico *A Verdade*, em artigo de Severino Cardoso, intitulado *Instrução e Educação*<sup>31</sup>, o articulista defende educação de qualidade para as mulheres e sua emancipação política, por meio do direito eleitoral. Em outro artigo, denominado *Controvérsia Evangélica*<sup>32</sup>, questiona a virgindade perpétua de Maria e assinala que a única passagem da Bíblia em que Maria é chamada de virgem é em São Lucas 1:27, além de afirmar que “a virgem de que fala São Lucas é uma virgem no sentido ordinário da palavra, nome esse que lhe é dado como o seria a qualquer outra rapariga ainda não casada”. A querela com a Igreja, no que diz respeito à virgindade de Maria, coloca em debate a importância de a mulher se manter casta. Além de ser honesta e honrada, a mulher tem de perecer, já que a honra é um código público e a Igreja, a maior interessada em publicizá-la, como assinala Carlos Dória.<sup>33</sup>

Nesse sentido, a honra é um mapa social, no qual estão definidos os lugares de homem e de mulher, que terminam por reforçar a naturalização das diferenças entre os sexos<sup>34</sup>. Da mulher, espera-se a contenção de sua sexualidade e a repressão dos

<sup>29</sup> Idem, p.78.

<sup>30</sup> LEITE, Miriam L. Moreira. *Outra face do feminismo*: Maria Lacerda Moura. São Paulo: Ática, 1984. p. 15.

<sup>31</sup> CARDOSO, Severino. Instrução e Educação. A Co-educação dos sexos. *A Verdade*. Semanário Consagrado à Causa da Humanidade. Recife, 23 nov. 1872, p.2, 3.

<sup>32</sup> BUNGUENER, Félix. Controvérsia Religiosa. *A Verdade*. Semanário... Recife, 23 nov. 1872, p.4.

<sup>33</sup> DÓRIA, Carlos Alberto. A tradição honrada (a honra como tema de cultura e na sociedade ibero-americana). *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, v.2, 1994. p.52

<sup>34</sup> Idem.



desejos libidinosos; do homem, seu livre exercício, a prática dos prazeres plenos, símbolos de virilidade, como enfatiza Rachel Soihet<sup>35</sup>.

O que se observa então nos periódicos são as campanhas cotidianas contra a confissão, que era vista como ato de fé, realizado num espaço de expiação do pecado e de aconselhamento, o confessionário. Esse lugar passa a ser apresentado na imprensa como área de poder dos padres, que ali exercitam diariamente, em instante de intimidade, sua influência sobre o pensamento e o comportamento feminino, o que contribui, assim, para o distanciamento, aos poucos, do sentimento de culpa das mulheres, e estabelece novas formas de viver<sup>36</sup>. Em lugar da mulher casta, culpada e pecadora, vão surgindo outras mulheres, nem freiras nem evas. A noção de honra feminina, nesse momento, tende a mudanças. As mulheres soltam-se das rédeas religiosas. Ser boa esposa, boa mãe e ter um trabalho digno são os novos símbolos da honra feminina, mais do que o ato de confessar-se ou frequentar igrejas.

A prática da confissão, exercida com frequência, atíça a mente dos humoristas que, por meio de imagens e versos, não cansam de expor aos/às leitores/as as possibilidades eróticas desses encontros:

Penitência<sup>37</sup>

Cena Verídica

Ass: A.A.

Aurorita ao confessar-se  
 Cheia de unção a mais pia,  
 E, sem prudência, gabar-se  
 Do que com o primo fazia.  
 O confessor a bufar  
 E de um modo um tanto arrisco  
 Depois de a catequizar  
 Quis obrigá-la a rezar  
 No cordão de São Francisco.  
 Diz-lhe a bela. Hom essa agora  
 Não sei se deva, não sei...  
 Fala a mamãe cá de fora  
 – Reza, filha! Reza Aurora!  
 – Reza que eu também rezei!

<sup>35</sup> SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p.389-390.

<sup>36</sup> Freyre comenta que o Padre Lopes Gama, nos princípios do século XIX, não se conformava com o fato de haver “Muito menos devoção religiosa do que antigamente. Menos confessionário. [...] e mais romance”. FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. 6.ed. Recife: Câmara dos Deputados; Governo do Estado de Pernambuco: Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, 1981. Tomo I. p.109-110.

<sup>37</sup> AA. Penitência. Cena Verídica. *O Papagaio*. Recife, 11 nov. 1902, p.3.

Os fundamentos da educação religiosa, que reforçam a revisão da consciência pela confissão e penitência, assim como o sacramento do casamento, são constantemente questionados, criticados, e, vez por outra, ridicularizados por meio da imprensa local, especialmente nos jornais humorísticos, o que mina as certezas que as mulheres têm do pecado e de seu lugar no interior da casa, nos cuidados com a família e na sociedade, de modo geral. Exemplo disso é o poema *Idyllo*, publicado, sem assinatura, no jornal recifense *O Club* 33<sup>38</sup>.

#### Idyllo

Tu queres  
 Se quero...  
 Não amo a ninguém!  
 então dá-me um beijo...  
 Casemos meu bem!  
 Sem padre e sem nada?  
 Que coisa sem graça!  
 pois olha –  
 Ó anjinho  
 É gosto da praça!  
 sem ir a Igreja?  
 Vovó é de braza  
 Depois era logo dizer a comadre:  
 Então com quem casa?  
 Com a Igreja ou com o padre  
 Contigo  
 meu anjo –  
 Que és toda uma flor!...  
 Então não há dúvida  
 – Casemos já – hoje  
 Vamos amor.

A imprensa, além de desqualificar a Igreja com publicações de abusos sexuais de padres franceses, utiliza-se de jornais do porte de *A Província* para também questionar a devoção feminina a Deus, ridicularizando a devota, com versos como esses, assinados por Ângelo de Berenice<sup>39</sup>.

A Devotinha  
 Engano! A devotinha também tem seu amante,  
 Com quem reparte o amor que à Deus parece dado!  
 Se um dia ele quiser acender-lhe aos votos.  
 Oh! Deus serás (afirmo) por certo abandonado.

<sup>38</sup> Idyllo. *O Club* 33. Edição Especial, p.4.

<sup>39</sup> BERENICE, Ângelo de. A devotinha. *A Província*. Órgão Partido Liberal. Recife, 27 abr. 1877, p.3.

A laicização ganha as práticas cotidianas. Senhoras ou senhorinhas, moças ou mulheres, casadas, viúvas, solteiras ou sozinhas, de famílias importantes ou não, aos poucos rompem o cerco da Igreja e fazem suas escolhas, sobretudo as mulheres que precisam labutar nas fábricas, nas lojas, nos cafés, nas ruas, nos bordéis. Essas críticas de diferentes setores da sociedade à Igreja Católica desatam as normas de controle da conduta feminina, que parecem, nesses anos frívolos, gozar de certa liberdade.

### **Cotidiano, trabalho e transgressão**

Vários são os trabalhos e as profissões que as mulheres assumem na cidade: proprietárias de estabelecimentos comerciais, advogadas, médicas, diretoras, redatoras de jornais, diretoras de colégios, professoras, parteiras, cigarreiras, modistas, costureiras, cafetinas, prostitutas, cozinheiras, lavadeiras, engomadeiras, quitandeiras, vendedoras de rua, amas de leite. As mulheres ocupam a cidade. Transitam. Trabalham. Divertem-se. Transgridem. Ganham as ruas, a vida e o pão de cada dia. Ainda que o espaço público sublinhe com veemência a diferença entre os sexos, notada, por exemplo, nas expressões “mulher pública”, de profundo teor pejorativo, *versus* “homem público”, tido como honrado, é também local de liberação e liberdade para as mulheres e de modernização das relações sociais e sexuais, como ressalta Michelle Perrot<sup>40</sup>. Embora a autora trate de Paris no século XIX, é possível vislumbrar em Recife esses novos tempos para as mulheres.

Há um misto de lamento e exaltação, no que se refere ao olhar dos redatores do jornal socialista *Aurora Social*, órgão do operariado, mantido pelo Centro Protetor dos Operários<sup>41</sup>, sobre as operárias e seus cotidianos. Em artigo assinado por José Dativo, ao mesmo tempo em que chama a mulher que trabalha de “operária infeliz”, o autor ressalta suas virtudes e diz ser ela a heroína de nossos tempos. Dativo assinala os caminhos da cidade, por onde as trabalhadoras transitam na direção das fábricas e oficinas, como vias por onde uma mulher, só ou na companhia de outra mulher, submete-se, com frequência, aos mais variados vexames, e conclama a sociedade a respeitar os pobres<sup>42</sup>. São caminhos perigosos, porque podem fazer sucumbir as mais honestas aos olhares e galanteios de algum sedutor ousado. Ao mesmo tempo, essas moças e mulheres pobres precisam trabalhar, ainda que o espaço público seja visto como ameaçador. É necessário assegurar, vigiar, coibir, assinalando os lugares consentidos e interditados para a circulação do sexo feminino. As operárias, as quitandeiras, as

<sup>40</sup> PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005. p.342-344.

<sup>41</sup> O *Aurora Social* sai às ruas no dia 1º de maio de 1901, e traz sob o título o lema: “Proletários de todos os países, uni-vos!”. O jornal se apresenta como fiel representante da classe operária em Pernambuco. NASCIMENTO, Luís do. *História da Imprensa em Pernambuco*. Periódicos do Recife de 1901-1915. v. VII. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1975. p.36-39.

<sup>42</sup> DATIVO, José. Pelo Socialismo. A mulher operária. *Aurora Social*. Recife, 1 mai. 1906, p.2.

vendedoras de rua, as amas-secas, as caixeiras, as prostitutas rompem fronteiras e passam a circular nos espaços públicos, sem a companhia dos homens. Como ressalta Margareth Rago, quanto mais as mulheres escapam “da esfera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o anátema do pecado, o sentimento da culpa”<sup>43</sup>.

Nesse período, ao cotidiano das mulheres que trabalham, com raríssimas exceções, somam-se os baixos salários que elas recebem, longa jornada de trabalho, tentativas de controle de sua privacidade, tratamento social desigual, além da interpretação dos homens de que essa participação ativa na vida econômica da cidade é motivo para tratá-las como mulheres vulgares, disponíveis facilmente para aventuras sexuais.

### As profissionais do comércio

No século XIX, Recife revela-se uma cidade onde as mulheres começam a ser admitidas com mais frequência para trabalhar nos cafés. Essas moças trabalham da hora em que o estabelecimento abre até aquela em que cerra as portas. Por terem contato direto com os homens, são muito observadas e requisitadas para aventuras amorosas, e algumas se permitem ampliar o tempo de trabalho e o minguado salário no exercício do amor.

Redatores da imprensa local, frequentadores dos cafés, um dos locais prediletos para se informar da vida urbana, mostram-se dispostos a transformar a vida privada das “caixeiras” em notícias de jornal, mesmo que isso signifique acrescentar a seu trabalho o papel de investigador da vida alheia. Um deles relata, em matéria que intitula *Caixeira vagabunda*, episódio do qual participa a caixeira Elisa do Café Esperança. Ela foi seguida, após o fim de seu turno, numa segunda-feira às duas horas da manhã, quando saía do Café, na companhia do português Joaquim Rodrigues, com destino à Pensão Santo Antônio, com o fim de pernoitar nesse estabelecimento. O proprietário, suspeitando ser um caso, chama a polícia, diante da qual Elisa declara que há muito é prostituta. Elisa não se intimida com a vigilância da imprensa nem com a polícia, dorme com o Joaquim na pensão e, na quarta-feira, acompanhada de Luís Moreira, pernoita no Café Popular<sup>44</sup>.

Algumas profissões inspiram versos, nos quais os poetas, quase sempre redatores de jornais humorísticos, apontam as vantagens de compartilhar o amor de uma mulher que trabalha. João Bogoloff, como se intitula o redator de *O Pimentão*, assim anota seus sentimentos, no poema abaixo<sup>45</sup>:

<sup>43</sup> RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar, Brasil (1890-1930)*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.63.

<sup>44</sup> Os homens citados pela imprensa não reclamam, pois a divulgação do fato valoriza sua virilidade.

<sup>45</sup> BOGOLOFF, João. Amor de quitandeira. *O Pimentão*. Recife, 16 set. 1914, p.8.

Amor de Quitandeira  
João Bogoloff

A minha namorada é quitandeira  
Reside à mesma rua onde resido...  
Hei de casar com ela, isso é sabido  
Quer a mãe dela queira, quer não queira.  
Fala comigo então de tal maneira  
Que pela quitanda ando perdido...  
E sinto-me feliz, correspondido  
Por Zefa essa simpática trigueira.  
Ser-lhe ingrato eu não devo todo dia  
Manda presentes raros, de valia,  
Bananas, sapotis, pinhas, mangabas.  
Que doce amá-la... Que ditos vê-la  
Terna, sutil, encantadora e bela...  
Zefa dos olhos de jaboticaba.  
Minha namorada.

### As profissionais das fábricas

Meninas, moças e mulheres pobres trabalham em diversas fábricas da cidade, especialmente nos ramos têxtil e de cigarro. Há preferência pelo sexo feminino, na hora da seleção para o emprego, por conta da maior atenção que as mulheres dão ao trabalho e por constituir mão de obra mais barata para o patrão.

As fábricas de cigarros empregam mocinhas, para embalar cigarros, e mulheres, como gerentes, para fiscalizar o serviço. A vida das cigarreiras passa a ser matéria dos jornais, que registram suas lutas por melhores salários e mais respeito dentro das fábricas. Há relatos de brigas no interior das fábricas e greves de cigarreiras na cidade de Recife. Os conflitos devem-se, em maior número, à ação das gerentes, que fiscalizam e multam as cigarreiras, interferem na vida privada e as acusam por furtos ou qualquer problema no interior da fábrica, mantendo as trabalhadoras em constante sobressalto<sup>46</sup>. O jornal *O Papagaio* publica o Padre Nosso das Cigarreras<sup>47</sup>, que revela suas aflições e seus receios:

O pão nosso de cada dia daí hoje, e perdoa-nos as nossas dívidas  
assim como perdoamos as multas infligidas a nós e não nos deixeis  
cair nas mãos dos nossos patões. Livrai-nos do mal, amém.

<sup>46</sup> Em dois artigos, com o título *Roubo na Lafayette*, de *O Fallador* – Periódico Literário, Humorístico e Noticioso de Recife – de 27 jan. 1914, p.5, e na edição de 7 fev. 1914, p.6, descreve-se a denúncia de roubo por parte de uma gerente, que alegou o furto de sua bolsa, e o encontro desta no interior da fábrica.

<sup>47</sup> Padre Nosso das Cigarreras. *O Papagaio*. Recife, 7 jul. 1914, p.4.

Como disciplinar essa força de trabalho feminina propalada como dócil? Na Fábrica Lafayette, a Sr.<sup>a</sup> Verônica Mattos endurece a fiscalização e o controle dos serviços, ao estabelecer peso para os maços de cigarros e um serviço de campá para chamar as operárias; quando não correspondem prontamente, são suspensas e demitidas, de forma exemplar<sup>48</sup>. Na Fábrica Moreninha, avaliada pelos jornalistas do *Aurora Social* como um sorvedouro da vida alheia, devido à anti-higiene que ali impera, há registro de correspondência encaminhada ao jornal *Aurora Social* de que a gerente, Sr.<sup>a</sup> Maria de Moraes, faz o pagamento de maneira incorreta, pois desconta 1\$600 da quantia de 3\$780 que a cigareira deve receber. Nessa fábrica, cada operária paga à gerente 600 réis, por semana, para a limpeza, que é feita de oito em oito dias, e para a água que consomem<sup>49</sup>.

Da vida privada das cigareiras, os repórteres se interessam pelos namoros escandalosos em plena rua e pelas transgressões com maiores consequências. Um dos episódios noticiados é o de uma cigareira da Fábrica Caxias<sup>50</sup>, que, tendo se apaixonado por um forneiro da Fábrica Pilar, foge da casa de sua família e retorna após quinze dias, grávida e abandonada pelo amante, na condição de moça desonrada. Eram práticas como essas que o governo e a justiça tentavam coibir<sup>51</sup>.

### As profissionais liberais

As mudanças trazem novos horizontes para as mulheres das camadas urbanas médias e alta, que podem aproveitar as oportunidades e ampliar sua participação social, por meio do ingresso em cursos superiores e pela escolha de profissões até então interditas ao gênero feminino. No final do século XIX e nas primeiras décadas do XX, o Brasil passa a contar com uma minoria notável de médicas, advogadas, escritoras e artistas mulheres<sup>52</sup>.

Em 1881, há o registro, em Recife, das primeiras mulheres formadas no ensino superior. Maria Augusta Generosa Estrella e Josepha Agueda Felisbella de Oliveira tornam-se doutoras em medicina, profissão até então ocupada apenas por homens de famílias ricas. Elas são homenageadas com um *crayon* em página inteira pelo jornal *O*

<sup>48</sup> Triste Sina. *Aurora Social*. Recife, 7 out. 1902, p.1.

<sup>49</sup> Villania. *Aurora Social*. Recife, 30 nov. 1902, p.2.

<sup>50</sup> Victimias de um forneiro. *O Bem-te-vi*. Recife, 11 jul. 1913, p.6. Fábrica Caxias, pertencente aos Srs. Azevedo & C.<sup>a</sup>, ficava na Rua Duque de Caxias. *A Influença*. Revista Carnavalesca. Recife, Carnaval, 16 fev. 1890, p.4.

<sup>51</sup> Ver, a respeito: ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da "Belle Époque"*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

<sup>52</sup> Ver, a propósito: BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914-1940)*. São Paulo: EDUSP, 1999 e HANHER, op. cit.

*Etna*<sup>53</sup>. Em 1889, entre as indicações úteis do *Pequeno Jornal*, consta morando e atuando em Recife a Dr.<sup>a</sup> Amélia Cavalcante, que reside e tem consultório na Rua Conde da Boa Vista, n.º 24A<sup>54</sup>.

Em 1888, recebem o grau em ciências jurídicas e sociais as primeiras bacharelas em Direito do Brasil, D. Maria Coelho da Silva e a pernambucana D. Maria Fragoso, como anuncia e homenageia *O Binóculo*, em primeira página<sup>55</sup>. A poetisa Edwiges de Sá Pereira publica seu livro de poesias e é homenageada com seu retrato na galeria da primeira página do jornal *Gazeta Literária*<sup>56</sup>. Ela é a primeira mulher a entrar na Academia Pernambucana de Letras e a presidir, em 1932, a Federação Pernambucana para o Progresso Feminino<sup>57</sup>.

Como assinala Susan Besse, aos poucos:

As famílias urbanas de classe média, diante do declínio do valor do trabalho doméstico da mulher, das altas taxas de inflação e da crescente necessidade de dinheiro, começaram a encarar de maneira mais favorável o trabalho assalariado feminino – desde que não maculasse a reputação das mulheres (pela associação com as trabalhadoras de status social inferior), não comprometesse sua feminilidade (colocando-se em competição direta com os homens) nem ameaçasse a estabilidade do lar chefiada pelo homem fomentando ambições individuais das mulheres ou oferecendo oportunidades reais de independência econômica<sup>58</sup>.

A imersão no trabalho parece não ameaçar mesmo, como se pode notar no crescente número de colégios dirigidos por mulheres. Em Recife, Anna do Rego Barros de Almeida dirige o Collegio de Saint Luci, para o sexo feminino, situado na Rua do Visconde de Inhaúma, n.º 25, 2.º andar, onde se ensinam as primeiras letras, português, francês, geografia, história, aritmética, desenho, música, trabalho de agulha, bordados à matriz e flores de pano<sup>59</sup>. D. Augusta Uchôa Cavalcante dirige o Externato Misto 2 de Fevereiro, estabelecimento que ensina, além das disciplinas, trabalhos de agulha e piano<sup>60</sup>. Em matéria assinada por Carmem de Carvalho, há o registro de D.

<sup>53</sup> *O Etna*. Recife, 12 nov. 1881, p.8. Cabe esclarecer que o desenho a lápis, na época, foi nomeado *crayon*, como referência ao tipo de lápis utilizado.

<sup>54</sup> Indicações úteis. Médicos. *Pequeno Jornal*. Recife, 23 mar. 1899, p.2.

<sup>55</sup> *O Binóculo*. Revista Semanal; Noticiosa, Crítica, Literária e Commercial. Recife, 10 nov. 1888, p.1.

<sup>56</sup> Edwiges de Sá Pereira. *Gazeta Litteraria*. Recife, 15 set. 1904, p.1.

<sup>57</sup> NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. Mulheres, política e cidadania: a criação da Federação Pernambucana para o Progresso Feminino (1918-1932). *Revista Sophie*, v.1, p.30-46, 2011.

<sup>58</sup> BESSE, op. cit., p.8.

<sup>59</sup> Anuncios. Collegio de Saint Luci. Para o sexo feminino. *Gazeta da Tarde*. Recife, 1 mai. 1889, p.3.

<sup>60</sup> Externato Misto 2 de fevereiro. *A Verdade*. Recife, 19 set. 1904, p.3.

Clotilde de Oliveira como diretora do Colégio Pritaneu, que se destina à instrução das mulheres, utilizando um método de ensino despido de fanatismo, superstições e crenças<sup>61</sup>, equiparado ao da Escola Normal mantida pelo Estado. Afinal, esses colégios deveriam dar educação mais laica, sem ameaçar a mística feminina da maternidade e do lar.

A Escola Normal é criada em Pernambuco, em 1864. Seu público-alvo é masculino, mas sofre com a falta de recursos, de professores preparados e de um currículo rudimentar. Ademais, com os poucos salários pagos aos docentes, não consegue atrair os rapazes. Apenas nos anos finais do Império, as escolas normais vão sendo abertas às mulheres, nelas predomina progressivamente a frequência feminina e introduz-se, em algumas, a coeducação<sup>62</sup>. Em todo o Brasil, a profissão de professora firma-se no final do século XIX e início do século XX. As mestras passam a ocupar as salas de aula das escolas públicas e privadas no ensino primário. Em Recife, segundo a *Revista da Instrução Pública de Pernambuco*, o número de homens matriculados e que chegam a concluir o curso na Escola Normal decai, enquanto as moças, cada dia mais, ocupam as cadeiras daquele estabelecimento de ensino. Isso atesta a “sede de saber” feminina<sup>63</sup>. A profissão de professor/a é valorizada de tal forma que a entrega dos diplomas e a distribuição dos prêmios conferidos às/aos alunas/os da Escola Normal é feita por ato solene, ao qual comparecem o presidente da província, o chefe da polícia, o inspetor geral de instrução pública, em 1877<sup>64</sup>.

Algumas professoras, como Julia C. do Rego Barros, titulada pela escola Normal da Sociedade Propagadora da Instrução Pública da Província, abrem aula mista, no Largo de Casa Forte, na qual ensinam matérias adotadas pela Escola Normal, a preços módicos, inclusive oferecendo “cinco vagas para pessoas pobres”<sup>65</sup>. Aulas mistas eram uma novidade. Moças e rapazes, meninos e meninas, juntos, deveriam assustar os mais conservadores em matéria de proximidade entre os sexos.

O trabalho de professora, além de ser ofício respeitado socialmente, garante renda às mulheres nas 70 escolas primárias municipais de Recife e nas 190 escolas estaduais, no ano de 1900<sup>66</sup>. Várias professoras dão suas aulas de modo particular, co-

<sup>61</sup> CARVALHO, Carmem. Colégio Pritaneu. *Jornal da Semana*. Espinheiro, 22 abr. 1911, p.1. Sobre escolas públicas no Recife, ver: REZENDE, Antônio Paulo (Coord.). *Recife, 100 anos de escola pública municipal*. 1.ª Parte, 1894-1929. Recife: BPE/PE, UFPE/BC, UFPE/CE, 2000.

<sup>62</sup> TANURI, Leonor Mari. História da Formação de Professores. *Revista Brasileira de Educação*, n.14, p.64-67, mai/jun/jul/ago. 2000.

<sup>63</sup> Instrução pública. *Revista de Instrução Pública de Pernambuco*. Recife, 15 dez. 1899, p.1.

<sup>64</sup> Em 1877, doze alunos concluíram o curso na Escola Normal, dos quais sete eram mulheres, a saber: Anna Amelia da Paz, Carolina Amelia da Paz, Florinina Joaquina de Mello Montenegro, Francelina Vieira de Araujo, Generosa Hisbella do Rego Medeiros, Maria Idalina de Albuquerque, Maria Joaquina do Sacramento e Marianna Cavalcanti d’Albuquerque. Escola Normal. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 28 nov. 1877, p.3.

<sup>65</sup> Ensino particular. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 9 jan. 1877, p.3.

<sup>66</sup> Escolas normais. *Revista de Instrução Pública de Pernambuco*. Recife, 15 jul. 1900, p.1.



mo Maria dos Santos Pereira, que, por meio de anúncio, oferece-se para ensinar primeiras letras, costuras e bordados em sua residência ou em qualquer fazenda<sup>67</sup>. D. Carolina Leopoldina Coelho ministra aulas de instrução primária, piano, língua francesa, na Rua Coronel Suassuna, n.º 14<sup>68</sup>. Há também anúncios de professoras de piano, como o que Julia R. Ramos veicula no *Jornal do Commercio*, no qual, além das aulas, oferece seu trabalho para alegrar as reuniões particulares<sup>69</sup>.

Professoras inspiram poetas, que, em versos, apresentam seu trabalho legalizado e assinalam seu poder de sedução:

Há pouco nomeada e no exercício,  
Da infância desvalida, em benefício,  
Já se acha, a quase um mês, a sedutora!  
Reside no lugar que é dado aos sinos;  
E leciona com gosto... aos meninos,  
Na rua Quarenta e Nove! À professora!

### As filhas de Vênus e os prazeres da noite

Ao ler os jornais da época, paira a sensação de que a vida da cidade é animada pelas chamadas, dentre outros nomes, Filhas de Vênus e Filhas de Jerusalém<sup>70</sup>. São elas que ganham ruas, praças e pátios, passeiam, param, conversam, insultam e pilheiriam nos lugares onde podem encontrar seus clientes. Sobre as prostitutas, muitas são as queixas apresentadas à imprensa e, às vezes, aos que cuidam da ordem na cidade. Os jornais dão espaço para o registro do cotidiano de mulheres de vida alegre, suas aventuras e desventuras, em colunas presentes em diversos periódicos da época, sob títulos como: *Notas brejeiras* e *Estatística mundana*, os quais relatam, com ironia, um pouco de perversidade e, por vezes, com compaixão, os amores, encantos, tormentos e violências relativos às prostitutas<sup>71</sup>.

A constância de publicar notas sobre o comportamento, as paixões e as astúcias das “mundanas” ocorre por haver público leitor atento aos movimentos, às mudanças,

<sup>67</sup> Aos pais de família. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 7 ago. 1877, p. 3.

<sup>68</sup> Aula particular de primeiras letras para meninas. *Jornal da Tarde*. Recife, 21 jan. 1876, p.3.

<sup>69</sup> *Jornal do Commercio*. Recife, 15 jul. 1908, p.3.

<sup>70</sup> Encontrar as mulheres de vida alegre chamadas de Filhas de Jerusalém denota o preconceito com que eram tratadas as judias na cidade do Recife. A expressão filha de Jerusalém pode ser entendida como referência àquelas mulheres perdidas, por as judias não participarem do sacramento da eucaristia e não comungarem com os princípios da Igreja Católica. As Prostitutas. Filhas de Jerusalém. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 30 out. 1877, p.3.

<sup>71</sup> Há um debate médico sobre a prostituição, como mostra: ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores*. Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1880). São Paulo: Brasiliense, 2004.

aos queixumes, às dores de cotovelo e mesmo à saúde de tais mulheres.<sup>72</sup> A frequência do assunto e a riqueza de detalhes dos acontecimentos denotam a importância que elas têm no fluir da vida da cidade. Dentre as informações, uma de utilidade pública diz respeito à mudança de endereço e à abertura de novos recursos, como são conhecidos os prostíbulo em Recife, no final do século XIX e início do século XX, veiculada nas notas que orientam os passos dos fregueses na cidade<sup>73</sup>.

Como assinala Margareth Rago, no contexto de São Paulo, a prostituição se constitui nas primeiras décadas do século XX, em:

[...] um espaço visível, espetacularizado e quantificável, à medida que se tornava uma profissão reconhecida com a expansão do mercado capitalista, permitindo então que chefes de polícia, médicos, higienistas e juristas [e de jornalistas] constituíssem um universo empírico para suas observações, classificações e análises<sup>74</sup>.

Recife vive também essa imersão no mercado capitalista. Para cobrir a vida dessas mulheres de vida livre, como se dizia então, os jornalistas disponibilizam tempo e entusiasmo. Não há queixas no exercício de bisbilhotar a vida alheia para a escrita das matérias, e eles apresentam muita disposição para correr os vários prostíbulo da cidade em busca de informação, demonstrando interesse profissional e, por vezes, pessoal, no que se refere ao tipo e à qualidade de vida das prostitutas.

Se, por um lado, a imprensa se farta com o cotidiano da vida incerta e perigosa dessas mulheres, por outro, os repórteres sofrem toda sorte de ameaças, muitas das quais bastante justas, quando as meretrizes se deparam com notícias de escândalos dos quais participam ou de qualquer outro aspecto de sua vida privada na imprensa. Para se defender, dizem que vão bater no repórter ou fazê-lo engolir a notícia<sup>75</sup>. As ameaças são divulgadas pelos próprios repórteres, que não poupam adjetivos, chegando mesmo a rebatizar a injuriada:

Amélia Necrotério, batizada Amélia “Rabo Inchado”, está contratando um cano de ferro nas oficinas de seu amante para quebrar a redação d’O Bem-te-vi<sup>76</sup>.

<sup>72</sup> Correção. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 30 out. 1877, p.3.

<sup>73</sup> “Rosa Italiana ex-moradora da Rua Bella está agora na Rua das Agoas Verdes servindo aos fregueses pelo antigo e moderno”. Revelações de um papagaio. *O Besouro*. Recife, 21 mai. 1904, p.3; *O Coró*. Recife, 25 abr. 1913, p.3.

<sup>74</sup> RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite*. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. p.22.

<sup>75</sup> *O Bem-te-vi*. Recife, 27 jun. 1913, p.5; e Notas Brejeiras. *O Bem-te-vi*. Recife, 11 set. 1913, p.6.

<sup>76</sup> Notas brejeiras. *O Bem-te-vi*. Recife, 11 set. 1913, p.6.

Nas colunas, os jornalistas, por vezes, denunciam os maus-tratos aos quais as prostitutas são submetidas nos recursos<sup>77</sup>. No entanto, eles utilizam o espaço de redação com alertas para as doenças, as chagas no corpo, nem sempre visíveis nos prazeres da noite, e para as condições de higiene dos locais onde elas recebem os clientes. Tais denúncias frequentemente vêm acompanhadas de relatos minuciosos para dar veracidade ao texto, como revela a nota A Casa onde Conceição reside, a Rua Larga do Rosário, n.º. 2<sup>78</sup>:

De ar grotesco, fisionomia aborrecida, a inquilina de Nenen, no fundo da Matriz de Santo Antônio tem tudo de limpo no morredor, mas, em se falando de limpeza de cama e corpo, cousa admirável. Ela não obedece.

Quando os jornais contam a história de vida de algumas dessas mulheres, pôde-se notar que, com pouca idade, as meninas ingressam nessa vida, por volta dos doze anos, e que o custo dos serviços de uma meretriz é em torno de 1\$500 a 2\$000<sup>79</sup>.

As filhas de Vênus são frequentemente detidas por embriaguês, desordem e ofensa à moral pública. Num breve levantamento do movimento da Casa de Detenção, no jornal *A Província*, observa-se que o quantitativo de mulheres detidas diariamente varia entre 2% e 5% da população carcerária, sendo raras as prisões por roubo e raríssimos os aprisionamentos por homicídio praticados por mulheres da cidade, sejam elas meretrizes ou não<sup>80</sup>. No início da República, a Lei n.º 14 criou o cargo de questor municipal, autoridade que tem por função remeter ao Juiz de Direito as prostitutas, a fim de obrigá-las a assinar termo de bom viver<sup>81</sup>.

Na Recife dessa época, há uma aluvião de casas de tolerância<sup>82</sup>, montadas por raparigas que envelhecem ou arrumam uns cobres, o que torna, segundo a imprensa, a profissão de cafetina e cafetão uma das mais rentáveis da época. Os trabalhos da profissão consistem em gerenciar o recurso e agenciar, na cidade e no interior, novas

<sup>77</sup> Sobre a violência que marca a vida das prostitutas, ver: RAGO, op. cit.

<sup>78</sup> Tratamento e higiene das mulheres. *O Besouro*. Recife, 5 jun. 1908, p.2.

<sup>79</sup> Maria Felismina do 40 da Rua Nova. *O Fallador*. Recife, 2 ago. 1913, p.5. Com críticas à prostituição das crianças, há vários artigos, dentre os quais *Guerra ao cafetismo*. *O Fallador*. Recife, 26 ago. 1913, p.4.

<sup>80</sup> Dos 463 presos, 14 são mulheres. Casa da Detenção. *A Província*. Recife, 19 jul. 1890, p.2; Dos 590 presos, 29 são mulheres. Casa de Detenção. *A Província*. Recife, 12 nov. 1890, p.2; Do total de 544 presos, 19 são mulheres. Casa de Detenção. *A Província*. Recife, 8 de dez. 1890, p.2.

<sup>81</sup> PERNAMBUCO. *Leis e Decretos*. Lei n.º. 14, de 14 de nov. de 1891. SFR. SNT. s.p.

<sup>82</sup> Casa de tolerância. *O Besouro*. Recife, 5 jan. 1908, p.6. As casas mais conhecidas são as de: Totonia Abelha Mestra; Julia Peixe Boi; Izabel da Rua Larga; Quina da Rua do Carmo; Catita Italiana; Totonia Damnada, Mocinha Porrasta; Nenen Mulata e Anninha do Tenente. As casas de conventículos. *O Papagaio*. Recife, 10 nov. 1910, p.8.

meretrizes. Existem também os agentes de rapariga<sup>83</sup>, mas, como esse serviço tem seus custos, quase sempre as cafetinas os requisitam apenas quando se trata de trazer moças do interior, pois, na cidade, elas cuidam pessoalmente de seduzir moças incautas e recrutar experientes raparigas.

Segundo os jornais, tais agenciamentos são realizados a céu aberto, recolhendo moças que não têm o que vestir ou comer. As raparigas recém-chegadas alugam um biombo, com cama de percevejo e colchão imundo, por 50\$000; comprometem-se a pagar 2\$000 réis diários pela comida e se sujeitam a aceitar quem a dona do conventículo lhes apresente<sup>84</sup>. Como precisam de novas roupas, as moças são levadas até as lojas para comprar fiado, com a garantia da “abadessa”. Notícias dão conta da exploração financeira da Madama, que faz “as meninas” pagarem tudo “pelo duplo”, sem regalia, deixando-as sem dinheiro e com dívidas infundáveis, às vezes, até mesmo sem roupa, para garantir a dependência e confinar as moças do interior em seus conventículos<sup>85</sup>.

A partir de 1908, com a reforma do porto e do bairro do Recife, que busca modernizar fisicamente a cidade, passam a circular ideias e discursos higienistas em torno do saneamento físico e moral dos habitantes, para atingir certo grau de civilização. Em consequência, há, na cidade, tenaz perseguição às cafetinas por parte da imprensa, que intenta descobrir e denunciar seu endereço à polícia, com o objetivo de deportá-las. O comentário corrente é o de que, dentre os motivos que movem a caça às cafetinas, destacam-se as denúncias de que elas “facilitam as conquistas mais impossíveis em seus ‘recursos’, para os quais atraem as moças de família e senhoras respeitáveis de sociedade”<sup>86</sup>.

### **Os trabalhos domésticos: novas searas de empreitadas femininas**

Na década de 1870, com o crescimento da camada média urbana, as tarefas de comprar, cozinhar, lavar e engomar, além de serem trabalhos muito requisitados pelas sinhás, passam a ser ofertados por lojas especializadas nesses serviços, que dispõem,

<sup>83</sup> Notas mundanas. Gado Novo. *O Papagaio*. Recife, 18 jun. 1910, p.4.

<sup>84</sup> As casas de conventículos. Mulheres exploradas. A vida das infelizes. Crimes e selvageria. Apello a polícia. *O Papagaio*. Recife, 10 nov. 1910, p.8.

<sup>85</sup> *O Besouro*. Recife, 17 mar. 1908, p.6.

<sup>86</sup> Pouca vergonha. Casa de Susana. Na travessa do Beco do Caju. *O Besouro*. Recife, 19 mar. 1908, p.3; Escândalo. Uma mulher casada na casa das meretrizes. **O Coió**. Recife, 25 abr. 1913, p.13. Sobre as mudanças em relação à sexualidade e sensualidade na cidade do Recife, ver: LUZ, Noemia Maria Queiroz Pereira da. *Os caminhos do olhar*. Circulação, propaganda e humor. Recife, 1880-1914. 2007. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

para aluguel, de mulheres asseadas<sup>87</sup>. Aparecem nos jornais vários pedidos para contratar ama<sup>88</sup> e alugar escravas para exercer tais ofícios<sup>89</sup>, e surgem também anúncios de locais onde esses afazeres domésticos são realizados. Dentre tais locais, há residências, como a do Beco da Carvalha, n.º 5<sup>90</sup>, e estabelecimentos criados para esse fim, como o existente na Rua da Imperatriz, n.º. 24, 1.º andar, que garante prontidão na entrega, asseio e modicidade<sup>91</sup>.

No Brasil, durante séculos, mulheres das elites e das camadas mais abastadas economicamente não costumavam amamentar seus filhos. Era comum contratar mulheres livres ou mesmo alugar ou comprar escravas, que podiam ser pretas ou pardas e até brancas, para exercer este ofício: aleitar criança nova e cuidar dela. Os cuidados e a afeição pelos filhos passavam pela contratação de uma ama “parida de pouco”, “sem defeito”, “bons costumes” e com “abundante leite”, como costumavam anunciar os jornais de então<sup>92</sup>. Nos anúncios dos jornais, encontram-se inúmeras solicitações de amas de leite<sup>93</sup>.

Quem eram essas mulheres que podiam até engravidar para se alugar como amas de leite, como Leocádia, que intentava convencer o estudante Henrique no romance *O cortiço*?<sup>94</sup>. Do ponto de vista social, estavam na condição de livres, forras ou escravas, civilmente, podiam ser viúvas, casadas ou solteiras. Mulheres que inventavam a arte de ganhar o pão de cada dia com o leite de seu próprio corpo. Sabe-se cada vez mais sobre elas. Em geral, eram mulheres pobres, que se sujeitavam a ganhar muito pouco para um trabalho tão árduo, o que, aliás, não diferia do resto do Brasil<sup>95</sup>.

<sup>87</sup> Marcus Carvalho, ao analisar o trabalho doméstico em Recife, entre os anos de 1822 e 1850, ressalta a variedade de requisitos que se exigiam dessas mulheres, escravas ou livres, dividindo-as em duas categorias: as de portas “adentro” e as de portas “afora”, que implicavam habilidades diferentes. Dentre as tarefas das amas de portas “afora”, estavam: “fazer as compras da casa, buscar água, e até levar meninos e meninas às aulas”, o que não era simples, pois a rua não era percebida como lugar seguro e, muito menos, decente. De portas adentro e de portas afora: trabalho doméstico e escravidão no Recife, 1822-1850. *Afro-Ásia*, 29 mar. 2003. p.47-48.

<sup>88</sup> Ama. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 4 jul. 1877, p.4. Ama. *A Província*. Órgão do Partido Liberal Recife, 13 ago. 1877, p.4.

<sup>89</sup> Aluga-se. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 26 jul. 1877, p.4; Aluga-se. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 14 set. 1877, p.4.

<sup>90</sup> Lava-se e engoma-se. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 24 nov. 1877, p.4.

<sup>91</sup> Anúncios. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 24 set. 1877, p.4.

<sup>92</sup> Ver, a propósito: NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. Maternidade, eugenia e higiene: o combate às amas-de-leite no Recife e a fabricação da mãe civilizada (1870-1880). In: *Anais do Encontro Enfoques Feministas e os Desafios Contemporâneos*, Belo Horizonte, 2008.

<sup>93</sup> Ama. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 25 set. 1877, p.4. Ama. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 26 set. 1877, p.4.

<sup>94</sup> AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Santa Catarina: Avenida Gráfica e Editora, 2005. p.87.

<sup>95</sup> Sobre o perfil das amas no Brasil, ver: MARCÍLIO, Maria Luíza. *História social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998. p.246-250 e VENÂNCIO, Renato Pinto. *Famílias abandonadas*. Campinas: Papirus, 1999. p.60-70.

Nesse mercado, em franca expansão, de criação de bebês lactantes ou em fase de crescimento, despontam novos serviços, que oferecem mais conforto às famílias e mulheres que assim o desejem e possam arcar com outros custos, como sugere o anúncio de uma viúva que se dizia “honestas e de bons costumes”, residente na Rua do Calabouço Velho, n.º 21, ao anunciar que se encarregaria de “receber crianças, ou meninos de todas as idades para criar e educar com todo cuidado, pagando seus pais o trabalho e sustento das ditas crianças”<sup>96</sup>.

No ambiente doméstico, espaço que oferece o maior número de emprego nos anúncios dos jornais, surgem com mais frequência casos de sedução ou atentado à honra e ao pudor, cometidos pelo patrão com as criadas e, por vezes, pela patroa, com os criados. As/os empregadas/os, quando têm escolha, ora cedem, ora negam, ora negociam os serviços não contratados, de acordo com seus interesses.

As lavadeiras, que, como as demais criadas, estimulam a libido de quem as observa no ofício, levam os jornalistas de periódicos humorísticos, escondidos sob pseudônimos, a escrever, sob seu ângulo de observação, acerca do exercício de lavar e ensaboar roupas.

#### Que Gosto<sup>97</sup>

– Que modos de lavar roupas!  
Que bonita posição!  
Assim a lavadeira  
É mesmo uma tentação

A Intendência Municipal do Recife manda publicar posturas que regulamentam o trabalho dos/as criados/as<sup>98</sup>. Elas definem, no artigo 1.º, que criado/a de servir é pessoa livre que, mediante salário convencionado, tenha ocupação em hotel, hospedaria, casa de pastos, como costureiros/as, engomadeiras/as, copeiros/as, cocheiros, ama de leite ou ama seca; no art. 2.º, proíbe o exercício dessas ocupações sem inscrição no livro de registro da Secretaria da Polícia; no art. 3.º, assinala os dados que devem ser registrados, como nome, sexo, características e procedimentos dos criados nos empregos. No fim da inscrição, os criados recebem uma caderneta. No artigo 7.º, os patrões ficam obrigados a só empregar quem estiver inscrito e com caderneta, e anotar a data em que toma o criado para o serviço e seu respectivo salário. Até que ponto essa regulamentação ganhou concretude, ainda não se sabe.

Mulheres com mais cabedal montam ateliês em Recife. São modistas que se

<sup>96</sup> *Diário de Pernambuco*. Recife, 4 abr. 1875, p.5.

<sup>97</sup> *Que Gosto. O Papagaio*. Recife, 3 mai. 1911, p.1.

<sup>98</sup> A Intendência Municipal do Recife [...] manda publicar postura abaixo: 4 Secção. Palácio da Presidência de Pernambuco, em 19 de jul. 1887. *A Província*. Recife, 16 jul. 1890, p.2.

anunciam capazes de executar figurinos recebidos de Londres, Paris, Lisboa e Rio de Janeiro, como D. Leonor Porto<sup>99</sup>. Madame Marie, modista de Paris, atenta à crise financeira da província, concede abatimento considerável no preço do feitiço de vestidos de passeio, casamento e teatro, assim como nos enfeites dos chapéus<sup>100</sup>.

Para as costureiras, não faltam serviços particulares e nas lojas de venda de roupa pronta, especialmente para as que dominam o trabalho de coser à máquina<sup>101</sup>. As costureiras, além dos vestidos do dia a dia, costuram vestidos de baile, casamento, com preços definidos, segundo a fazenda e o modelo.

O fato de ter trabalho e sustento garantidos para conduzir a vida, os sonhos e os desejos começa a levar algumas mulheres a repensar o casamento e mesmo a fugir dele, como registra, com uma ponta de despeito, uma quadrinha publicada em *O Coiô*<sup>102</sup>, que demonstra o desconforto masculino diante da autonomia feminina:

#### A Costureira

Costureira é gente feia  
Mas se traga muito bem  
Namora com todo mundo  
Mas não casa com ninguém.  
Mas não casa com ninguém.

Na primeira década do século XX, os homens, por meio da prosa e do verso, usam amplamente a ironia e, por vezes, a maledicência, para assinalar o mal-estar que provoca o trabalho remunerado feminino e, às vezes, a troca de papéis no interior das casas e nas relações com os filhos. O poema *Art-nouveante*, assim apresenta a situação:

#### *Art-nouveante*<sup>103</sup>

Gritos e choros, sempre alaridos  
De qualquer lado sempre aperreios  
E o triste esposo, Sr. Feio,  
Prega os botões que já lhe hão caídos.  
O chapéu bota, bem decidida  
A mulherzinha... para rua ganha

<sup>99</sup> Modista. Leonor Porto. *O luso brasileiro*. Pernambuco, 18 abr. 1890, p.4.

<sup>100</sup> Madame Marie. Modista de Paris. Rua Nova, n.º 48. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 12 out. 1877, p.3.

<sup>101</sup> Costureiras. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 8 jan. 1877, p.3.

<sup>102</sup> A costureira. *O Coiô*. Recife, 25 abr. 1913, p.5.

<sup>103</sup> *Art-nouveante*. *O Papagaio*. Periódico ilustrado, Humorístico e Noticioso. Recife, 24 set. 1910, p.1.

Ouvindo choros ela se assanha  
E vai pra rua fazer a vida...

Os homens, por meio da imprensa, tomam partido dos operários: registram suas angústias em relação à preferência dada nas fábricas ao trabalho feminino. As mulheres estão ganhando empregos que antes eram exclusivamente masculinos. Como exemplo, podem-se observar os números de funcionários das quatrocentas oficinas das fábricas de cigarros Caxias e Lafayette, onde trabalham trezentas e cinquenta mulheres, e apenas cinquenta homens. Em artigo sob o título *A fome avassala*, publicado no *Echo do Povo*, o redator assinala como vantagem para o empregador a escolha do trabalho feminino, porque “a paga feita as mulheres é muito inferior à paga feita aos homens”. Além disso, denuncia que o trabalho coloca em risco a saúde feminina, afirmando que “não se pode comparar o organismo de uma mulher com o de um homem e daí resultar o definhamento e a moléstia nas pobres mulheres”. Por fim, alude à questão da honra feminina, apresentando-a como o mais grave problema decorrente da introdução da mulher no mercado de trabalho, pelo fato de serem as fábricas lugares de “verdadeiros ladrões da honra”, que atiram grande número de vítimas na prostituição”<sup>104</sup>.

O discurso é conservador, sem dúvida. A única forma de garantir a propalada honra feminina é enclausurá-la no lar. O trabalho exercido pela mulher apavora, coloca em risco a capacidade do corpo feminino de reproduzir e peleja contra o ideal de família centrado no poder financeiro e físico dos homens.

Casadas, solteiras, pobres, remediadas ou ricas, as mulheres conquistam o Espaço público, cultivam novos hábitos, numa cidade que se moderniza e se encanta com o moderno. As novas relações de trabalho, a crescente autonomia feminina, o acesso à educação mais laica, as críticas à Igreja Católica parecem colocar em xeque a sociedade patriarcal, ao se questionarem as relações entre os gêneros, o casamento e a pretensa superioridade masculina.

Recife, como outras cidades brasileiras, foi palco de tensões e embates entre homens e mulheres. A convivência com a intensa exploração do trabalho feminino e do corpo de muitas meninas e moças pobres, reafirmada nas casas, fábricas, ruas e bordéis, é o reverso do medo da mudança. Contudo, a violência física e simbólica dos homens não evitou que as mulheres ampliassem sua atuação no espaço público, que ousassem.

*Artigo recebido em 19 de janeiro de 2012.*

*Aprovado em 19 de julho de 2012.*

<sup>104</sup> A fome avassala. *Echo do Povo*. Jornal de Livre Opinião. Recife, 10 dez. 1910, p.1; *União Operária*. Órgão do operariado em Pernambuco. Recife, 5 nov. 1905, p.3 – nesse, há a informação de que, nas fábricas, as mulheres recebem 1/3 do valor do trabalho.